



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

Portugal. De acordo com os dados preliminares divulgados pelo INE respeitantes à **atividade turística**, em 2021 o setor albergou 14.5 milhões de hóspedes e registou 37.5 milhões de dormidas, o que se traduz em aumentos de 39.4% e 45.2% face ao ano anterior, após as quedas de 61.6% e 63.2% em 2020, respetivamente. Excluindo 2020, o registo das dormidas é o mais baixo desde 2010. Comparando com o mesmo período de 2019, tanto o indicador dos hóspedes, como o das dormidas diminuíram cerca de 46%, no segundo caso, 10.9% nos residentes e 62.0% nos não residentes. Todas as regiões apresentaram diminuições face a 2019, sobretudo devido às reduções dos não residentes. Não obstante, houve crescimentos das dormidas de residentes na RA Madeira (+19.2%) e no Algarve (+5.1%).

Os proveitos totais aumentaram 61.2% em 2021, permanecendo ainda muito abaixo do observado em 2019 (-45.7%), tendo ascendido a €2.3 mil milhões.

Área Euro. A **produção industrial** registou um aumento de 1.2%, em cadeia, em dezembro, um resultado que se segue ao ganho de 2.4% em novembro. O nível de atividade no setor regressou a valores próximos dos máximos recentes, fixando-se 2.9% acima do verificado em dezembro de 2019. Pela negativa, destaque para a produção automóvel que permanece 18% abaixo do nível de pré-pandemia, o que denota as disrupções nas cadeias de fornecimentos.

O *Eurostat* divulgou o valor preliminar respeitante à **criação de Emprego** durante o quarto trimestre de 2021. Nos últimos três meses do ano a variação de 0.5%, em cadeia, após um ganho de 1.0% no terceiro trimestre. O emprego total ascendeu a 161.8 milhões, mais 490 mil pessoas, ou 0.3%, do que em 2019.

O instituto de estatística da União Europeia publicou igualmente a primeira revisão do **crescimento do PIB** da Área Euro respeitante ao quarto trimestre de 2021 tendo reiterado a variação preliminar de 0.3%, em cadeia. Com este resultado, o nível de atividade na região suplantou em 0.1% o observado no final de 2019.

Alemanha. O indicador de sentimento dos investidores relativo à conjuntura económica (*ZEW expetativas*) subiu 2.6 pontos em fevereiro, fixando-se em 54.3 pontos, o mais elevado desde julho de 2021, tendo no entanto ficado abaixo do esperado (55.0). Este incremento denota a expetativa dos investidores em relação à redução das restrições relacionadas com a pandemia e consequente melhoria do ritmo de expansão económica na primeira metade de 2022. Relativamente à inflação, os investidores continuam a antecipar uma moderação, embora a um ritmo mais lento. A componente das *condições presentes* evidenciou igualmente um incremento, neste caso de -10.2 para -8.1 pontos, ainda assim aquém do esperado (-6.5).

Japão. O PIB japonês registou um **crescimento** (em cadeia e anualizado) de 5.4% no 4º trimestre de 2021, após a contração de 2.7% no trimestre anterior. Este resultado foi o mais favorável desde o último trimestre de 2020. Em termos de componentes, destaque para o *consumo das famílias* e para o *investimento fixo*, os quais registaram recuperações. O contributo das exportações líquidas foi igualmente positivo, dado o crescimento das exportações e a queda das importações. Em 2021, a economia japonesa cresceu 1.7% (-4.5% em 2020).

EUA. Os indicadores de atividade real divulgados esta semana suplantaram as expetativas. No caso do consumo, as **vendas a retalho** averbaram um ganho 3.8% em janeiro, em cadeia, após o decréscimo de 2.5% no mês anterior. Com este resultado, o nível do indicador fixou-se 2.2% acima do registo médio do último trimestre de 2021. Destaque para as variações das vendas *online* (14.5%) e revendedores de automóveis (5.9%). Excluindo as vendas de automóveis, as vendas a retalho cresceram 3.3%. A **produção industrial** cresceu 1.4% em relação ao mês anterior, após -0.1% em dezembro. A leitura de janeiro encontra-se 1.6% acima do nível médio do trimestre anterior e é 1.8%

superior ao registo do final de 2019. A **capacidade utilizada instalada** aumentou 1 p.p., para 77.6%, a percentagem mais elevada desde maio de 2019.

Os primeiros indicadores de atividade industrial respeitantes ao mês de fevereiro permaneceram em terreno associado a expansão da atividade. O dado divulgado pela Reserva de Nova Iorque (**New York Empire State Manufacturing Index**) passou de -0.7 para 3.1 pontos, enquanto o indicador análogo, mas referente à região de Filadélfia (**Philadelphia Fed Manufacturing Index**) diminuiu de 23.2 para 16.0 pontos. Se por um lado as componentes associadas à procura permaneceram estáveis, as linhas referentes às encomendas não satisfeitas (*unfilled orders*) e aos prazos de entrega (*delivery times*) registaram valores ainda elevados, apontando para a manutenção de constrangimentos significativos nas cadeias de produção e de distribuição.

Bancos Centrais. De acordo com as **atas da Reserva Federal dos EUA** divulgadas na semana passada e referentes ao Conselho de Governadores de janeiro, os membros demonstraram preocupação com a aceleração dos preços. A maioria dos participantes sugeriu que se justifica um incremento do intervalo oficial para a taxa de juro diretora (*Fed Funds*) mais rápido do que no período pós-2015. Para além disto, consideram ainda apropriado iniciar "brevemente" a redução do balanço da Reserva Federal. **James Bullard**, o presidente da *St. Louis Federal Reserve*, reiterou que apoia um aumento da *Fed Fund* de 25 p.b. nos Conselhos de março, maio, junho e julho, o que elevaria o referido intervalo para 1.00% a 1.25%. Estas palavras estão alinhadas com o discurso do Presidente Powell que afirmou não descartar um incremento da taxa diretora em todas as reuniões (sete Conselhos até ao final do ano). Na Área Euro, o **economista-chefe do BCE**, Philip Lane, também membro do Conselho de Governadores, defendeu que um regresso a uma inflação baixa é menos provável devido: (i) à nova estratégia do BCE, (ii) às forças estruturais, como a mudança demográfica ou a transição verde e (iii) à forte recuperação do mercado de trabalho na região. Lane indicou ainda que um aumento de 25 p.b. "*não é um mau incremento a considerar*".

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 18 de fevereiro às 15h00)

Nos mercados financeiros continua a verificar-se um sentimento de incerteza generalizada face à instabilidade geopolítica gerada pela crise entre a Ucrânia e a Rússia. A possibilidade de um conflito armado continua a determinar a evolução das principais classes de ativos, com um comportamento volátil à medida que novos desenvolvimentos vão condicionando as expectativas dos investidores. O agravamento da política monetária continua igualmente a ser um fator de risco, embora tenha perdido preponderância. O ambiente de *riskoff* traduziu-se na correção dos níveis elevados nas *yields* soberanas, em simultâneo com a descida dos índices acionistas na maioria das regiões.

No **mercado monetário**, as taxas de juro Euribor registaram uma diminuição em termos semanais pela primeira vez desde o final de dezembro de 2021. A convicção dos investidores quanto ao agravamento das condições financeiras deu lugar a uma ligeira redução, com um impacto maior no prazo dos 6 meses (-2.0 p.b., para -0.478%).

Na curva de futuros da Euribor a 3 meses verificou-se uma variação negativa em todas as maturidades, com a passagem da taxa para terreno positivo a ocorrer no vencimento de dez/2022 e a Euribor3M de dez/26 a fixar-se em +0.85% (-8 p.b.).

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia**, a 10 anos, encerraram a semana com uma descida média de 8 p.b.. As taxas atingiram os máximos pré-crise até o meio da semana mas corrigiram acentuadamente nas últimas duas sessões. Esta evolução foi marcada pela divulgação das atas da reunião da *Fed* (com a confirmação de aumento de taxa diretora no próximo mês) e as declarações de C.Lagarde quanto ao ritmo (gradual) de uma potencial inversão de política por parte do BCE.

Na Alemanha, a *yield* fixou-se em 0.20% (-9.4 p.b.), depois de ter atingido o valor mais elevado desde novembro de 2018 a meio da semana (0.33%). No caso de Portugal e de outros países europeus, as

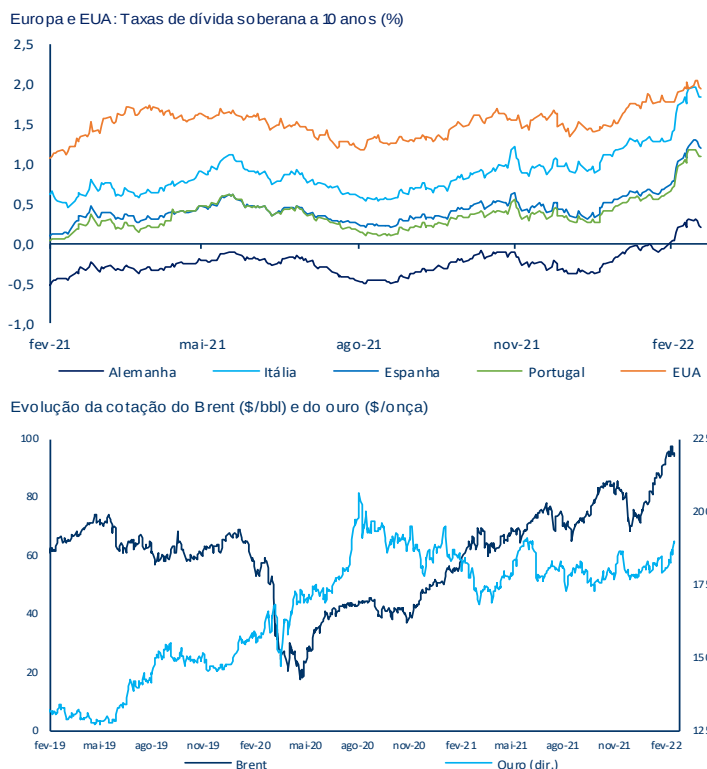
taxas chegaram a negociar nos máximos desde março de 2020 embora tenham terminado a semana também a descer. No caso português, fixou-se em 1.09% (-8.3 p.b.), enquanto em Itália observou-se uma redução de 11.6 p.b., para 1.84%. Os *spreads* vs. Alemanha voltaram a alargar à exceção de Itália ainda que de forma marginal, como foi o caso de Portugal, estabelecendo-se em 88 p.b.. Nos **EUA**, as taxas a 10 anos e 30 anos apresentaram um perfil semelhante ao longo de toda a semana, fechando com variações de -0.2 p.b. e +2.8 p.b. respetivamente, para 1.94% e 2.27%. As taxas chegaram a negociar acima dos 2.00% e 2.35%, nos dois casos as leituras mais elevadas desde julho de 2019.

Os principais **mercados acionistas** terminaram a semana com desvalorizações tanto na Europa, como nos EUA, com o aumento de volatilidade traduzido em oscilações superiores a 2% em termos diários, evidenciando o nervosismo dos investidores perante a maior incerteza.

Na Europa, um conjunto de apresentações de resultados de empresas mais favorável contrabalançou a evolução geopolítica negativa na Ucrânia, cujos desenvolvimentos no curto prazo são impossíveis de prever. O sentimento mais negativo resultou na perda de 1.4% no *Eurostoxx600*, liderado pelo *DAX* alemão e pelo *IBEX* espanhol, ambos com quedas na ordem dos 2.0%. Em termos setoriais, foram claramente penalizadas as empresas cíclicas, entre os quais os *bancos* e o setor de *lazer e viagens* com variações de -4.3%. Desde o início do ano, o destaque mais negativo é o setor *tecnológico* (-17.4%). Nos EUA, o *Dow Jones* e o *NASDAQ* perderam 1.2% e 1.0%, com o índice tecnológico a registar uma desvalorização de 12.7% desde o início de 2022. Nos países emergentes, o *MSCI* valorizou 0.2%, em contraciclo com os índices dos países desenvolvidos, liderado pelo *Shanghai* chinês (+0.8%).

No **mercado cambial**, o dólar e o euro efetivos registaram depreciações de 0.2% e 0.5%, respetivamente, tendo sido favorecidas as moedas refúgio franco suíço e iene japonês que atingiram as leituras mais elevadas das últimas 2 semanas.

No que concerne às **matérias-primas**, a cotação do petróleo voltou esta semana a cair com o *brent* a fixar-se em \$95.1/bbl (-2.5%). O efeito do retorno potencial das exportações de petróleo iranianas suplantou as incertezas geopolíticas. O segmento dos metais preciosos foi o que mais valorizou, com a platina a subir 5.4% e o ouro (+1.9%) a voltar a negociar no nível de preço de \$1900/oz, algo que já não acontecia desde junho do ano passado.



2. Temas da semana

2.1 Portugal e Área Euro - Comércio Internacional de bens - 2021

Portugal

O INE divulgou, em 9 de fevereiro, as **Estatísticas do Comércio Internacional** de Portugal referentes a dezembro de 2021, bem como ao conjunto do ano passado.

As **exportações** e as **importações de bens** (nominais registaram variações homólogas de 23.4% e 34.7% em dezembro, o que representa o segundo mês de aceleração, apesar de se ter assistido a uma quebra dos valores absolutos face a novembro.

Excluindo a categoria de *Combustíveis e lubrificantes*, registaram-se aumentos de 23.6% no caso das exportações e de 28.1% no caso das importações, igualmente em termos homólogos.

No último mês de 2021, a *taxa de cobertura das importações pelas exportações* correspondeu a 68.4%, o valor mais baixo desde agosto de 2018.

Em termos anuais, no ano passado as exportações e as importações de bens registaram taxas de crescimentos de 18.1% e 21.1%, respetivamente, após terem sofrido contrações de 10.3% e 14.8% em 2020.

Quando comparado com igual período de 2019, as exportações cresceram 6.0%, enquanto as importações variaram 3.2%.

De acordo com o INE, esta evolução resultou em parte do acréscimo de preços (as variações são correspondentes a valores nominais), os quais, nos primeiros onze meses do ano, registaram aumentos homólogos de 7.1% no caso das exportações e 8.6% no caso das importações.

O **saldo da balança comercial de bens** atingiu um valor deficitário de €2430 milhões em dezembro de 2021, o que representa uma deterioração de €983 milhões em termos homólogos e o pior registo mensal desde junho de 2010, quando se observou um défice de €2525 milhões.

Em relação a dezembro de 2019, o défice sofreu um agravamento de €1001 milhões.

Em termos anuais, o *defíce da balança comercial de bens* aumentou €4653 milhões em 2021, para €19041 milhões. Relativamente a 2019 quando o défice atingiu 20074 milhões, registou-se uma variação positiva de €1033 milhões.

No que concerne às **categorias económicas de bens**, no mês de dezembro destacam-se os acréscimos homólogos nos *Fornecimentos industriais*, tanto nas exportações (+35.3%) como nas importações (+49.6%), assim como nas importações de *Combustíveis e lubrificantes* (+111.8%, em grande parte devido ao efeito preço).

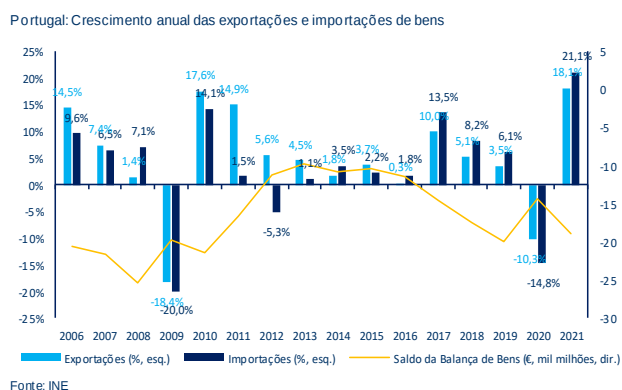
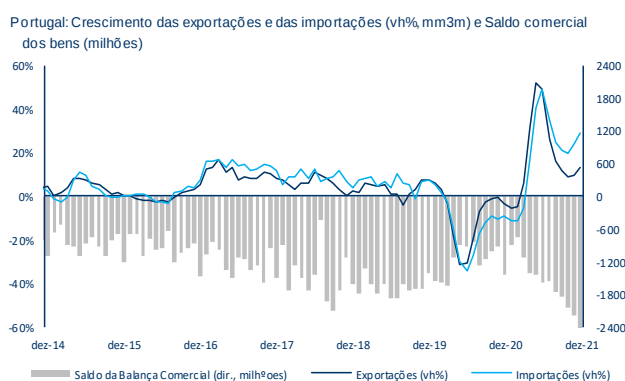
Em *termos anuais*, as variações mais significativas ocorreram nos *Combustíveis e lubrificantes* com incrementos de 50.8% nas exportações e 56.0% nas importações, resultado do crescimento dos preços da componente energética.

Excluindo esta categoria, quando comparado com 2020 destaca-se o acréscimo dos fluxos na categoria de *Fornecimentos industriais* (26.1% em exportações e 34.6% em importações).

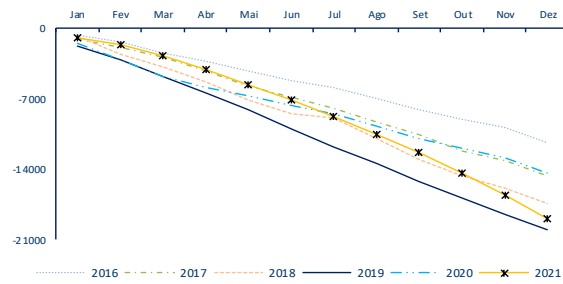
Ainda em termos anuais, e face a 2019, os *Fornecimentos industriais* apresentam crescimentos de 14.1% e 23.5% nas exportações e importações, enquanto pela negativa salienta-se a redução no *Material de transporte*, em -10.1% e -30.9%, respetivamente.

Em relação aos **parceiros comerciais**, Portugal exportou mais para dentro da União Europeia (18.2%), quando comparado com as exportações Extra-EU (17.0%). Nas importações, o movimento foi contrário com estas a crescer 19.3% na componente Intra-EU, o que compara com 26.4% Extra-EU. No entanto, grande parte do comércio continuou a ser realizado entre os estados-membros da União Europeia, o qual representou mais de 70%, tanto para as exportações, como para as importações. Relativamente ao Reino Unido, com a conclusão do processo do *Brexit*, é notória a queda das importações (-50%) face ao ano anterior, por contraponto a países emergentes como a Rússia ou a Turquia (108% e 62%). Entre países, o principal contributo continua a vir do comércio com a Espanha com as exportações (peso de 26.7% do total) a crescerem 24.2%, e as importações (peso de 32.8% do total) a aumentarem 22.4%.

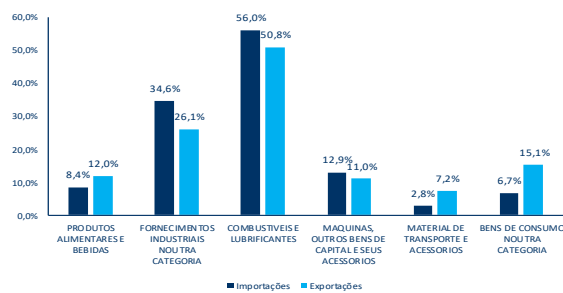
Nota final para as empresas que indicaram que recorreram ao *Sourcing* internacional como parte integrante do seu processo produtivo, terem apresentado uma maior resiliência do que as restantes empresas em termos de exportações e importações de bens. Ao representarem 3.4% e 2.7% do total das exportações e das importações nacionais, registaram variações menos negativas em 2020 (-4.2% e -7.1%, contra -10.5% e -15.0% das restantes, nas exportações e importações respetivamente) e uma maior recuperação em 2021 (+6.7% e +4.5%, face a +5.9% e +3.1%, respetivamente), face aos níveis de 2019. Recorde-se que o *Sourcing* internacional corresponde à deslocação total ou parcial de atividades até então levadas a cabo pela empresa residente, quer constituam o seu *core business* ou funcionem como suporte ao respetivo negócio, para outras empresas localizadas no estrangeiro e com as quais a empresa tenha ou não relações.



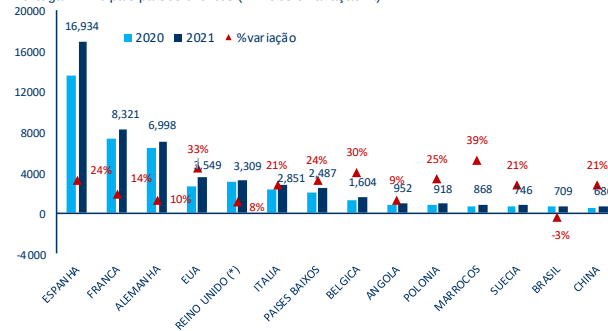
Portugal: Valores acumulados do saldo da balança comercial (milhões, €)



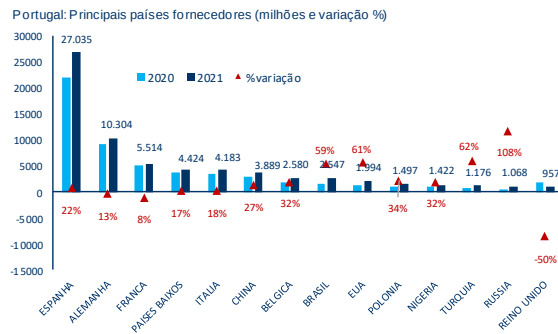
Portugal: Variações anuais das exportações e importações por categoria (2021)



Portugal: Principais países clientes (milhões e variação %)



Portugal: Principais países fornecedores (milhões e variação %)



Área Euro

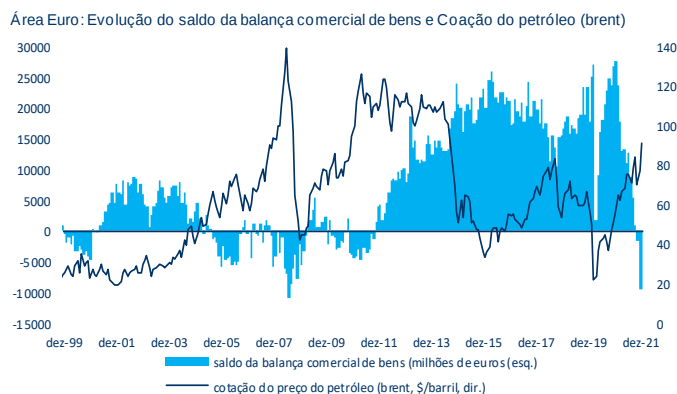
O incremento significativo não só da cotação do petróleo como de outras matérias-primas energéticas em dezembro resultou igualmente numa significativa deterioração do **saldo da balança comercial de bens da Área Euro**.

O défice da balança comercial de bens de região sofreu um agravamento de €1.8 para €9.7 mil milhões, o registo mais negativo desde meados de 2008, precisamente quando a cotação do *brent* atingiu um valor recorde (acima de \$140/baril).

Ainda assim, apesar das leituras negativas nos dois últimos meses de 2021, a Área Euro apresentou um excedente comercial de bens no conjunto do ano de €123.2 mil milhões, após €234.0 mil milhões

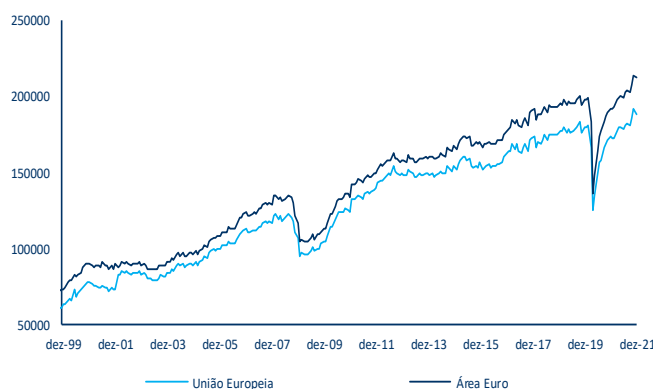
em 2020.

O valor nominal das exportações da Área Euro atingiu novos máximos históricos no final de 2021. O nível das vendas de bens ao exterior suplantou os €212 mil milhões nos últimos dois meses do ano, mais 6.7% do que em fevereiro de 2020. No conjunto da União Europeia, as exportações atingiram igualmente máximos no final de 2021 e um ganho de 4.4% em comparação com o início da pandemia. Ainda em termos anuais, as exportações da Área Euro registaram um crescimento de 13.7% no ano passado, após a variação negativa de 9.5% em 2020. No que respeita às exportações, o crescimento anual de 21.3% em 2021 sucedeu à queda de 11.1% registada em 2020.



Fonte: Eurostat

União Europeia e Área Euro: Exportações de bens (milhões de euros)



Fonte: Eurostat

2.2 Portugal - Índice de Custo do Trabalho – 4.º trimestre de 2021 (INE)

População Empregada. O INE divulgou na semana passada, o **Índice de Custo do Trabalho (ICT)**, indicador de curto prazo que pretende medir a evolução dos custos do trabalho por hora efetivamente trabalhada (custo médio horário) suportados pelas entidades empregadoras. O relatório é referente aos resultados do quarto trimestre de 2021.

De acordo com o INE, o **ICT** cresceu 2.4% no quarto trimestre de 2021, em termos homólogos, uma moderação face aos 3.9% dos três meses anteriores. Por hora efetivamente trabalhada, os custos

salariais (salário base, prémios e subsídios regulares e irregulares, etc.) aumentaram 2.5%, após 3.5% no terceiro trimestre, enquanto os outros custos do trabalho (indenização por despedimento, encargos legais a cargo da entidade patronal e outros encargos como prestações sociais pagas em caso de ausência por doença) cresceram 2.3% (5.4% no trimestre anterior).

No conjunto de 2021, o ICT registou um acréscimo de 2.5% (8.6% em 2020), dos quais 1.9% (9.2%) corresponderam a custos salariais e 4.7% (6.2%) a outros custos.

Para o aumento dos custos não salariais, contribuiu o incremento das contribuições patronais face à diminuição progressiva de empresas abrangidas pelo regime de *layoff* simplificado no setor privado. Em relação à origem da variação verificou-se que a evolução das horas efetivamente trabalhadas foi uma condicionante muito forte no índice de custo do trabalho. Durante a pandemia, a queda no número de horas provocou uma forte subida dos custos do trabalho. No quarto trimestre, o custo médio por trabalhador registou um aumento homólogo de 2.0%, enquanto o número de horas efetivamente trabalhadas teve uma variação nula. No ano de 2021, o custo médio por trabalhador averbou um acréscimo de 3.7% (2.1% no ano anterior) e o número de horas efetivamente trabalhadas por trabalhador aumentou 1.5% (-5.7%).

Outra observação prende-se com o facto de, corrigida a sazonalidade, o número de horas trabalhadas ainda não voltou ao observado antes da pandemia.

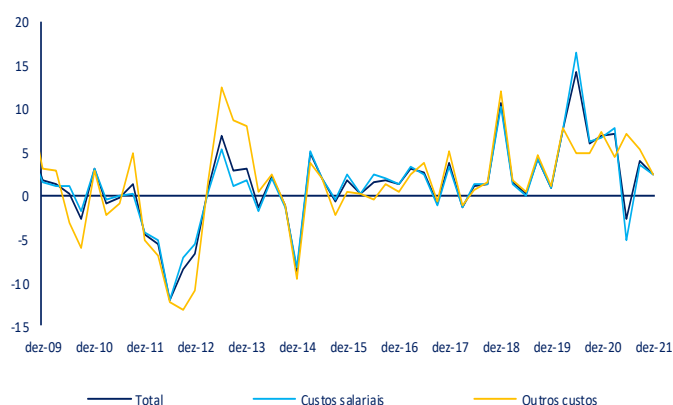
Quando se observa a evolução por atividade, no 4.º trimestre de 2021 os custos salariais registaram acréscimos mais acentuados na *Construção* (7.0%) e na *Administração Pública* (8.0%), enquanto nos *Serviços* se observou um decréscimo de 3.2%.

Nos primeiros dois casos, o forte aumento dos custos salariais e não salariais na *Administração Pública* e na *Construção* ficou a dever-se à diminuição do número de horas efetivamente trabalhadas por trabalhador nestas atividades.

Já nos *Serviços*, observou-se o inverso, pois o aumento do número de horas efetivamente trabalhadas provocou uma forte descida dos custos do trabalho.

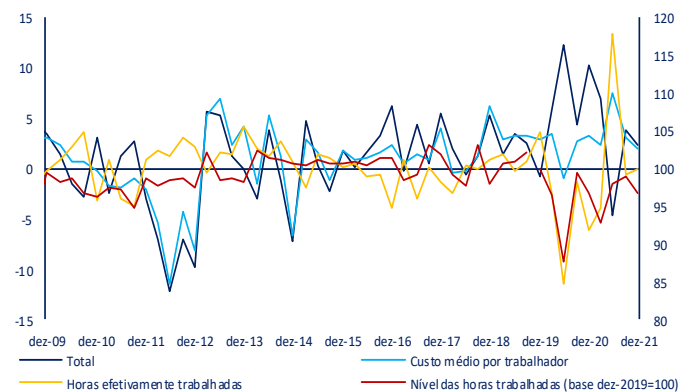
Relativamente a outros setores, destaque para a *Indústria*, onde observou-se um custo médio por trabalhador (3.4%) superior ao incremento do número de horas (1.0%).

Portugal: Índice de custo do trabalho por componentes (variação homóloga - %)

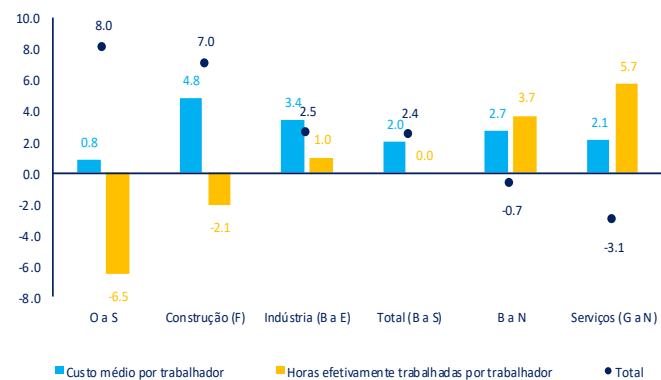


Fonte: INE

Portugal: Índice de custo do trabalho por origem da variação - (variação homóloga - %)



Portugal: ICT por origem da variação e por atividade económica - 4.º trimestre de 2021(%)



3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 18 de fevereiro às 15h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-20	31-dez-21	11-fev-22	18-fev-22	2021	2022/YTD	Semana
EURIBOR Act/360 dias							
1 mês	-0,554	-0,583	-0,557	-0,562	↓ -0,029	↑ 0,021	↓ -0,005
3 Meses	-0,545	-0,572	-0,523	-0,529	↓ -0,027	↑ 0,043	↓ -0,006
6 Meses	-0,526	-0,546	-0,458	-0,478	↓ -0,020	↑ 0,068	↓ -0,020
12 Meses	-0,499	-0,501	-0,298	-0,313	↓ -0,002	↑ 0,188	↓ -0,015
LIBOR USD Act/360 dias							
LIB 1 mês	0,144	0,101	0,191	0,137	↓ -0,043	↑ 0,035	↓ -0,054
LIB 3 meses	0,238	0,209	0,506	0,488	↓ -0,029	↑ 0,279	↓ -0,018
LIB 6 meses	0,258	0,339	0,840	0,787	↑ 0,081	↑ 0,448	↓ -0,053
LIB 12 meses	0,342	0,583	1,392	1,330	↑ 0,241	↑ 0,747	↓ -0,062

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-20	31-dez-21	11-fev-22	18-fev-22	2021	2022/YTD	Semana
Portugal	0,030	0,465	1,168	1,085	↑ 0,435	↑ 0,620	↓ -0,083
Espanha	0,047	0,565	1,216	1,206	↑ 0,518	↑ 0,641	↓ -0,010
Grécia	0,628	1,338	2,642	2,572	↑ 0,710	↑ 1,234	↓ -0,070
Itália	0,543	1,172	1,953	1,837	↑ 0,629	↑ 0,665	↓ -0,116
França	-0,338	0,198	0,769	0,692	↑ 0,536	↑ 0,494	↓ -0,077
Alemanha	-0,569	-0,177	0,297	0,203	↑ 0,392	↑ 0,380	↓ -0,094
Reino Unido	0,197	0,971	1,545	1,398	↑ 0,774	↑ 0,427	↓ -0,147
Suíça	-0,550	-0,135	0,330	0,261	↑ 0,415	↑ 0,396	↓ -0,069
EUA	0,913	1,510	1,937	1,936	↑ 0,597	↑ 0,425	↓ -0,002
Japão	0,021	0,071	0,231	0,216	↑ 0,050	↑ 0,145	↓ -0,015

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-20	31-dez-21	11-fev-22	18-fev-22	2021	2022/YTD	Semana
Eurostoxx 600	399	488	470	463	↑ 22,2%	↓ -5,1%	↓ -1,4%
IBEX	8074	8714	8798	8626	↑ 7,9%	↓ -1,0%	↓ -2,0%
CAC	5551	7153	7012	6948	↑ 28,9%	↓ -2,9%	↓ -0,9%
DAX	13719	15885	15425	15117	↑ 15,8%	↓ -4,8%	↓ -2,0%
FTSE	6461	7385	7661	7543	↑ 14,3%	↑ 2,2%	↓ -1,5%
PSI20	4898	5569	5591	5658	↑ 13,7%	↑ 1,6%	↑ 1,2%
S&P 500	3756	4766	4419	4386	↑ 26,9%	↓ -8,0%	↓ -0,7%
Nasdaq	12888	15645	13791	13659	↑ 21,4%	↓ -12,7%	↓ -1,0%
Topix	1805	1992	1963	1924	↑ 10,4%	↓ -3,4%	↓ -2,0%
MSCI Emerg	1291	1232	1241	1243	↓ -4,6%	↑ 0,9%	↑ 0,2%
Shanghai	3473	3640	3463	3491	↑ 4,8%	↓ -4,1%	↑ 0,8%

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-20	31-dez-21	11-fev-22	18-fev-22	2021	2022/YTD	Semana
EUR/USD	1,2216	1,1370	1,1350	1,1344	↓ -6,9%	↓ -0,2%	↓ -0,1%
EUR/JPY	126,18	130,90	130,95	130,52	↑ 3,7%	↓ -0,3%	↓ -0,3%
EUR/GBP	0,8937	0,8413	0,8370	0,8361	↓ -5,9%	↓ -0,6%	↓ -0,1%
EUR/AOA	795,17	632,42	600,82	578,24	↓ -20,5%	↓ -8,6%	↓ -3,8%
EUR/MZN	91,50	72,61	72,98	72,50	↓ -20,6%	↓ -0,2%	↓ -0,7%
Petróleo (Brent \$)	51,17	77,46	97,59	93,99	↑ 51,4%	↑ 21,3%	↓ -3,7%
Petróleo (Crude \$)	48,52	76,99	93,10	89,66	↑ 58,7%	↑ 16,5%	↓ -3,7%
Gás Natural (\$)	2,54	3,73	3,94	4,58	↑ 46,9%	↑ 22,7%	↑ 16,1%
Ouro (\$)	1898,36	1829,20	1858,76	1893,93	↓ -3,6%	↑ 3,5%	↑ 1,9%
Prata (\$)	26,40	23,31	23,59	23,99	↓ -11,7%	↑ 2,9%	↑ 1,7%
Cobre (\$)	3,52	4,46	4,51	4,56	↑ 26,8%	↑ 2,0%	↑ 1,1%
Café (\$)	128,25	226,10	251,65	245,05	↑ 76,3%	↑ 8,4%	↓ -2,6%
Milho (\$)	484,00	593,25	651,00	654,75	↑ 22,6%	↑ 10,4%	↑ 0,6%

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.